

HELOISA BUARQUE DE ALMEIDA  
ROSELY GOMES COSTA  
MARTHA CELIA RAMÍREZ  
ÉERICA RENATA DE SOUZA  
(Organizadoras)

HISTÓRIA & CIÊNCIAS SOCIAIS



# GÊNERO EM MATIZES



EDITORA DA UNIVERSIDADE  
SÃO FRANCISCO

UNIVERSIDADE  
SÃO FRANCISCO

CDAPH

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**

**Reitor:** Altair Anacleto Lorenzetti, OFM

**Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação**

**Coordenação:** Moysés Kuhlmann Jr.

**Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação - CDAPH**

**Coordenação:** Marcos Cezar de Freitas

**Conselho Editorial:**

Ana Waleska Mendonça

Carlos Roberto Jamil Cury

Clarice Nunes

Eliane Marta Teixeira Lopes

Helena M. B. Bomeny

José Gonçalves Gondra

Lúcia Lippi Oliveira

Luciano Mendes de Faria Filho

Luis Felipe Serpa

Marta Maria Chagas de Carvalho

Rogério Fernandes

Zaia Brandão

396 Gênero em matizes / [coordenação de] Heloisa Buarque de  
G29 Almeida ; Rosely Gomes Costa ; Martha Celia Ramirez;  
Érica Renata de Souza . – Bragança Paulista, 2002.  
412p. (Coleção Estudos CDAPH. Série História &  
Ciências Sociais)

1. Antropologia Social e cultural. 2. Gênero. 3. Sujeito.  
4. Feminismo. 5. Prostituição. 6. Adoção.  
7. Homossexualidade. I. Almeida, Heloisa Buarque de  
II. Costa, Rosely Gomes. III. Ramirez, Martha Celia.  
IV. Souza, Érica Renata de. V. Série.

Ficha Catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de Processamento  
Técnico da Universidade São Francisco

**Correspondências para:**

Núcleo de Distribuição e Divulgação - EDUSF

Av. São Francisco de Assis, 218

CEP 12916-900

Bragança Paulista – SP

E-mail: [distribuicao-divulgacao@saofrancisco.edu.br](mailto:distribuicao-divulgacao@saofrancisco.edu.br)

<http://www.saofrancisco.edu.br/publicacoes>

Tel.: 4034-8092 Fax: (11) 4034-8044

A Aracy Lopes da Silva,  
*em memória*

ORTIZ, Renato. À procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994. p. 7-29.

PAOLI, Maria Célia. As ciências sociais, os movimentos sociais e a questão do gênero. *Novos Estudos*, São Paulo: CEBRAP, n. 31, out. 1991.

PISCITELLI, Adriana. *Tensões: feminismos internacionais e perspectivas contemporâneas de gênero*. Campinas, 1997. Mimeografado.

PONTES, Heloísa A. *Do palco aos bastidores*. 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

PONTES, Heloísa A. Durkheim: uma análise dos fundamentos simbólicos da vida social e dos fundamentos sociais do simbolismo. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 3, p. 89-102, 1994.

RODRÍGUEZ, Lilia. *Genero y desarrollo*. Quito: CEPAM, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, n. 16, nov./dez. 1990.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. *Um conceito itinerante: os usos do gênero no universo das organizações não-governamentais*. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, 1991.

STRATHERN, Marylin. *The gender of the gift. Problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley: University of California Press, 1988.

TELLES, Vera da Silva. Sociedade civil, direitos e espaços públicos. *Revista Pólis*, São Paulo, 1995.

YUDELMAN, Sally. The integration of women into development projects: observations on the NGO experience in general and in Latin America in particular. *World Development*, Londres, v. 15, suplemento, p. 179-187, 1987.

## MULHER EM CAMPO: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Heloisa Buarque de Almeida

Em Junho de 1996, saí de São Paulo para fazer um trabalho de campo em Montes Claros, cidade de aproximadamente 250 mil habitantes, no norte de Minas Gerais. Dentro de um projeto de pesquisa mais amplo, tinha sido designada àquela cidade com o objetivo de fazer uma etnografia de recepção da novela das oito, *O Rei do Gado*, buscando cobrir toda sua exibição, do início ao final da novela.<sup>1</sup> A partir da experiência de trabalho de campo nessa cidade, busco compreender como se dá a leitura e a interpretação da novela, para discutir o que a televisão significa no contexto de sua recepção, na vida cotidiana de pessoas variadas. O foco deste artigo não é, no entanto, esta análise de recepção da novela, mas sim o processo de trabalho etnográfico, com atenção à questão do gênero.

Muitos estudos se fazem sobre mídia e recepção que consideram a necessidade do trabalho etnográfico, mas circunscritos aos campos da comunicação ou dos estudos culturais denominam etnografia aquilo que na antropologia chamamos de entrevistas em profundidade, ou grupos focais,<sup>2</sup> mas não necessariamente a idéia de um longo processo de observação participante num universo ou “comunidade”. Foi essa longa inserção – sete meses em campo – que me permitiu várias interpretações sobre a interação dos conteúdos da televisão com diversos aspectos daquilo que é vivido como local. Foi esse mesmo processo que me levou a reflexões mais profundas sobre questões de gênero, motivadas inclusive pela renitente sensação de desigualdade entre homens e mulheres, e por uma aproximação maior e identificação com outras mulheres durante o trabalho de campo.

*Mulher é uma gente muito infeliz<sup>3</sup>*

*Marcela sentou-se na cama e mostrou a Bíblia aberta: estava rezando. Perguntei se estava tudo bem, e ela, “mais ou menos”. Começou a falar que nestes últimos dias rezava muito, muito mesmo e perguntou se eu acreditava no*

poder da oração. Por que ela rezava tanto? Porque precisava se livrar de muitos pecados, sentia muita culpa. Também rezava para proteger os filhos, sempre pedindo a Deus que eles não se envolvessem com drogas, como seu marido. Orava na busca de respostas, e para ter mais paciência e paz. Sua sensação ruim era talvez o que eu chamaria de angústia, mas ela não usou este termo. Ficamos conversando, e ela foi aos poucos revelando alguns fatos sobre as quais sempre parecia querer conversar, mas nunca tinha falado diretamente antes.

Falou que era muito infeliz no casamento, que se casou aos dezesseis anos, grávida, e teve dois filhos (muitas das mulheres que conheci ali se casaram grávidas). Disse que estava cansada do marido, que às vezes achava que não gostava mais dele. Quando ela falava em se separar, ele ficava apaixonado, a procurava, corria atrás dela. Outras vezes, ela achava que gostava dele e então ele a tratava mal. Ele bebia, usava cocaína. Perguntei então se ela estava tão infeliz, por que não se separava. Que não tinha coragem, que não tinha um trabalho, que nem tinha terminado o colegial.

A conversa era entrecortada por grandes e desconfortáveis silêncios.

*Uma tristeza profunda.*

Percebi que se eu falasse a respeito de separação ela reagia no sentido oposto, então eu falava que ela devia ficar com ele e tentar melhorar a relação, mas daí respondia que não tinha jeito. Qualquer coisa que eu falasse, a levava a reagir na direção oposta. Achei melhor ouvir.

Eu ouvia, pela via da fofoca, que ela e o marido tinham uma relação violenta. Falavam que ele às vezes batia nela e ela “descontava” nos filhos – era isso o que se comentava. Parecia estar num redemoinho de relações familiares violentas que, pelo que diziam, vinha desde sua família de origem. Ela nunca disse uma só palavra sobre sua família de origem – mas, pela fofoca, eu ouvia uma história conflituosa e violenta. Não sei o que era verdadeiro, o que era exagero (quem conta um conto, aumenta um ponto), mas no contexto, tais relatos eram verossímeis.

Ela falou que não era o caso de se separar, porque talvez gostasse dele. Depois, voltou à culpa que sentia. Sentia-se culpada por não dar conta das crianças, por não ser boa mãe, por não ser boa dona de casa, ser tão desorganizada, por não ter um trabalho... e foi se definindo pela negativa, pela falta, pela ausência. Disse que não sabia o que fazer com o filho mais velho e se preocupava com ele – menino “quieto demais”. Voltou a falar na culpa que sentia por seus pecados. Perguntei, afinal, quais eram esses pecados. Disse que depois que o filho mais novo nasceu, tinha tomado aquele “remédio para a menstruação descer” em algumas ocasiões. Perguntei como evitava a gravidez agora e ela disse que não evitava. Comentei que era comum isso, que não devia se sentir culpada, muitas mulheres tinham feito algum aborto. “Não! Não foi isso, quero dizer... eu não gosto dessa palavra, é muito forte.” E aí contou que uma vez demorou mais “pra descer” e tomou Cytotec, sofreu muito, teve uma hemorragia intensa, e nunca mais vai fazer isso. Foi só um jeito de fazer... (o indizível), sem que o marido soubesse.

Quería compensar, para ficar “quites” com Deus, vai ter mais um filho – mas não agora, quando tiver 30 anos. Diz que precisa ter paciência, ter mais paciência com tudo, com o marido também, para poder acertar sua vida. Já teve paciência com os casos amorosos que ele teve durante esses anos todos.

Duro era ficar ali, com ela, tentando mostrar que deveria haver alguma solução. Seu olhar no vazio, sua sensação de vida perdida, seu ar de alguém que não sabe o que fazer com tanta angústia – e eu não sabia mais o que dizer.

*E os silêncios.*

Isso aconteceu outras vezes em campo – volta e meia eu me via ouvindo confidências das mulheres, conversas compridas, às vezes cheias de silêncios, como a de Marcela – mas não tão angustiadas. Depois, voltava para minha “tenda”, meu quarto de pensão, e eu me sentia angustiada. Para esquecer, ia até o telefone público e ligava para a minha casa, em São Paulo. Para matar as saudades e lembrar que

*eu tinha uma outra vida, longe dali e que, ao final da pesquisa de campo, ia voltar para casa.*

Em certo aspecto, a história de Marcela acima não era a mais comum, ou típica. Simplesmente pelo fato de que ela não trabalhava, a não ser o trabalho eventual de ajudar o marido em seu negócio. Todas as outras mulheres de camadas médias e populares de Montes Claros com quem convivi trabalhavam – mesmo que a fonte de rendimentos fosse um trabalho dentro de casa, como costura, ou fazer salgados e bolos para festas. Ainda assim, seu exemplo pode ser um pouco mais extremo (embora não raro) pela questão da violência, mas a sensação de desigualdade era renitente e era isso que mais me impressionava. Muitas mulheres de classe média, e com menor frequência algumas mais jovens de camadas populares, sempre remetiam ao tema do *machismo* – muitas vezes apenas para comentar como o marido era ciumento ou controlador.

Uma das questões centrais abordadas neste artigo é a situação de conflito entre o lugar social da mulher na sociedade pesquisada e o espaço de atuação da antropóloga. Em vários ensaios da coletânea que analisa a experiência de antropólogas em campo, organizada por Peggy Golde (1986), evidencia-se, por exemplo, como é complicado reagir diante de padrões comportamentais que restringem a ação e a liberdade das mulheres. Mas torna-se igualmente notável como muitas vezes é possível romper com o comportamento esperado, dado que se trata de uma mulher que é *de fora*.<sup>4</sup> Pretendo destacar aqui que, de início, para ser bem aceita em certos grupos, é preciso também adequar-se ao comportamento esperado por uma mulher *de família*, ou então meu acesso ao espaço doméstico das pessoas, na hora noturna, num momento de intimidade familiar, na hora de assistir TV (momento central para minha etnografia) estaria ameaçado – como destaca Ruth Landes (1986). Algo semelhante ao que comenta Lila Abu-Lughod (1986) em contexto social (beduínos no Egito) em que a distância entre comportamentos masculinos e femininos era mais extremada.<sup>5</sup>

Além desta reflexão, há uma outra inspiração central neste artigo: a chamada onda pós-moderna na antropologia e sua reflexão acerca do trabalho de campo. O livro de Paul Rabinow, *Reflections on Fieldwork in Morocco* (1977), é a fonte central deste questionamento

neste artigo. Rabinow propõe que se compreenda melhor o lugar do antropólogo como um lugar liminar, que busca fazer a ponte entre as culturas, construído por uma relação intersubjetiva e pessoal com os informantes. O próprio trabalho de campo constrói uma relação intersubjetiva entre informantes e antropólogo, um lugar particular e liminar que não pertence totalmente a um só universo cultural, e que promove em ambos a reflexão e a crítica acerca de suas culturas de origem. Nesse sentido, Rabinow destaca como alguns informantes que eram um tanto liminares na sociedade marroquina eram os melhores, na medida em que já tinham um certo distanciamento e visão crítica, e que sofriam um processo de elaboração objetiva sobre a sociedade em que viviam, por vezes, de modo quase marginal. O processo comunicativo do trabalho de campo cria um sistema de significados compartilhados entre informante e etnógrafo, um mundo liminar e à parte de ambas as culturas.

Proponho aqui que talvez esse espaço liminar permita à pesquisadora romper as aparentes fronteiras do gênero, fazendo passagens entre universos considerados masculinos ou femininos. O fato de não ser do local permite que parte das restrições impostas à maioria das mulheres seja rompida – conclusão semelhante à de Golde. Isso não se dá sem gerar outros problemas, como talvez certo receio por parte dos informantes diante de uma pessoa cujo status não é evidente. Por este motivo, Rabinow destaca a necessidade, ao mesmo tempo, de ser bem aceito e manter relações com pessoas que são consideradas respeitáveis no grupo social estudado. São estas questões inspiradas nos trabalhos de Rabinow, Landes e Golde, entre outros, e na minha experiência de campo que comento neste artigo.

Gênero é pensado aqui não como consequência direta do sexo biológico, da matéria corporal, mas como construções simbólicas acerca do mundo, baseadas numa interpretação cultural sobre o dimorfismo sexual. Não pretendo que a categoria gênero seja apenas pensada como diferença sexual, ou a oposição entre homens e mulheres, mesmo se construída cultural e socialmente – mas é uma oposição entre comportamentos masculinos e femininos para a qual tenho que chamar a atenção para analisar algumas dificuldades durante o trabalho de campo. Porque a divisão sexual é essencialmente um processo cultural, não há uma “essência” que defina o gênero independentemente do contexto

histórico e cultural – tudo é relativamente construído, sendo as atribuições de gênero reelaboradas nas situações específicas. São estas reelaborações que permitem à antropóloga ir além das restrições normalmente impostas às mulheres na sociedade estudada.

Sob essa perspectiva, as representações acerca do gênero são também sua própria constituição, que se dá em vários campos da experiência social e da produção cultural (como a televisão e as telenovelas). No entanto, num dado contexto não há representação fixa, mas sim várias correntes nesta construção do gênero, ainda que alguma (ou algumas) constitua parte do discurso hegemônico.<sup>6</sup> As construções de gênero da televisão interagem com as construções locais e, nesse processo, os comportamentos sociais masculinos e femininos também se modificam.

Nesse sentido, exploro aqui algumas dessas construções de gênero mais dominantes em Montes Claros e como foi possível, enquanto pesquisadora, lidar com elas. O que é localmente construído como feminino – numa interação complexa entre várias instituições sociais (por exemplo, a Igreja Católica) – entrava por vezes em choque com as concepções que eu tinha, de início basicamente restringindo minha ação e gerando um receio inicial de me expressar abertamente.

Esta reflexão inclui aspectos subjetivos do trabalho de campo que podem ser reveladores das construções de gênero. Embora eu relate algumas formas pelas quais as distinções entre homens e mulheres são vistas como “naturais”, pretendo na verdade demonstrar como tais construções se dão num encontro que tem, no mínimo, três influências: o contexto local, a televisão e seus programas e a presença de uma “antropóloga paulista” (como muitas vezes fui classificada). Esses três elementos não são homogêneos nem unívocos. Montes Claros não é uma aldeia e tampouco uma pequena comunidade rural. Se ela parece uma comunidade relativamente coerente, isto é apenas uma maneira de tentar demonstrar algumas idéias e problemas de modo conciso, em um artigo, buscando algumas generalizações possíveis. Mas espero também demonstrar como há uma heterogeneidade e uma mudança de valores em processo.

## A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DE CAMPO

Instalei-me em Montes Claros num pensionato próximo ao centro da cidade que facilitava a minha locomoção por vários bairros e servia de referência para ir aos poucos conhecendo mais pessoas na cidade. O meu quarto, logo na entrada da casa, separado do resto, parecia uma metáfora da minha sensação inicial de solidão. É inevitável perceber o quanto a oportunidade de fazer uma etnografia no sentido tradicional de *viagem* a outra situação social – distante do meu cotidiano em São Paulo, onde eu já tinha feito outros trabalhos de campo – gerava uma situação de fragilidade emocional. Ao mesmo tempo, configurava-se como a idéia do rito de passagem central na formação disciplinar. Nesse processo, não é só a formação profissional que será constituída, mas a própria pessoa da pesquisadora sofre uma mudança interna (Golde, 1986, p. 91). Segundo Ruth Landes (1986), a dificuldade do trabalho de campo reside exatamente na dificuldade de “se encontrar” num contexto em que tudo difere das referências anteriores do antropólogo.<sup>7</sup>

Mas Montes Claros talvez não fosse tão distante, e a televisão parecia ser a ponte que facilitava a passagem, intermediando, gerando conversas e relações sociais, e fornecendo algumas referências comuns. Consegui contatar algumas famílias que não só costumavam assistir à novela das oito – objeto de reflexão da etnografia – como aceitaram a minha presença em momentos de intimidade familiar, na hora de ver TV, em casa, à noite. Construí uma rede de pessoas e famílias de forma direta e pessoal. Primeiro, conversando no pensionato onde morava. Ali, tive a oportunidade de assistir a televisão com as jovens do pensionato e a empregada doméstica que morava na casa, uma adolescente vinda da zona rural do norte mineiro.

Através das pessoas deste pensionato, de seus familiares, amigos e vizinhos, fiz algumas redes de ligações pessoais e consegui em poucas semanas formar um grupo de pessoas com quem assistia regularmente a *O Rei do Gado*,<sup>8</sup> e outro grupo que muitas vezes formava elos nessas apresentações tornaram-se também parte do meu trabalho de campo de forma menos direta (muitas destes sequer costumavam assistir a televisão). Alguns deles eram professores ou alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de

Montes Claros que me procuraram, e eventualmente me ajudaram a fazer uma rede de conhecidos. Outros eram vizinhos que não se interessavam pela pesquisa em si, mas pela minha pessoa, ou pela oportunidade de ver a cidade ou si próprio tornar-se objeto de estudo. Ser uma antropóloga de São Paulo, associada a nomes carregados de sentidos simbólicos de legitimidade e autoridade (como USP, onde fiz meu mestrado) fazia de mim em certo circuito uma pessoa conhecida na cidade. Por um lado, pela elite intelectual, os professores da universidade local, alguns amigos e parentes do cidadão mais famoso de Montes Claros, Darcy Ribeiro, por outro, na vizinhança e no circuito das famílias que se tornavam meus informantes, percebi aos poucos que me tornei conhecida. Ainda que não fosse uma aldeia, sentia-me às vezes um tanto observada.

Em termos de técnica de pesquisa, para refletir sobre o papel da televisão no cotidiano, buscava assistir às novelas com pessoas que tinham o hábito de acompanhar as narrativas, ou *O Rei do Gado* em particular. Esta proposta exigia um contato com o ambiente doméstico, num horário de intimidade familiar. Eu apresentava a pesquisa dizendo tratar-se de um estudo sobre a influência da televisão na família e como a família interagia com a TV. Ao invés de perguntas diretas, eu me mantinha visitando regularmente algumas famílias, assistia à novela com eles, e conforme a conversa começava, eu apenas incentivava que as pessoas dessem sua opinião e refletissem sobre os conteúdos e programas. Parecia uma simples visita (eu não levava gravador nem fazia anotações ali) mas todos sabiam que não era. Alguns estranharam que eu não fizesse perguntas diretas, então elaborei algumas perguntas iniciais para poder ser encaixada na categoria de pesquisadora. Só no final, depois de quatro meses em campo, comecei a fazer entrevistas em profundidade com o gravador – já equipada do material de várias conversas, e muitas vezes, relembrando na entrevista o que cada pessoa já havia comentado antes. A minha presença e meu interesse nesta narrativa levou muitas pessoas a acompanhá-la – pessoas que nem sempre costumavam assistir às novelas – e também certamente provocou mais reflexões sobre esta narrativa.

Percebi, desde o início, que ser mulher facilitava esta entrada no espaço doméstico. A figura feminina é menos ameaçadora. Por outro lado, ao sair da casa das pessoas à noite, gerava alguns

constrangimentos. Eles se sentiam responsáveis pela minha volta ao pensionato, muitas dessas famílias agindo como se eu precisasse de proteção – estava claro que as mulheres, à noite, são vistas ali como vulneráveis e possíveis vítimas. Nesse sentido, era importante além de ser mulher, comportar-me adequadamente – não estar fora dos padrões locais do comportamento feminino para uma mulher casada, mas que está ali desacompanhada. Ou pelo menos, o que parecia ser adequado para as famílias de diferentes estratos sociais e estilos com as quais eu lidava – incluindo pessoas de idade em alguns casos, católicos mais conservadores, ou em outras situações mais fáceis para mim em que os pais eram da minha idade e tinham uma postura mais liberal.

Ficou evidente que o fato de ser mulher e simpática facilitava essas entradas, mas tal comportamento também fazia parte do processo de conquistar os informantes – usar a simpatia feminina, ser sorridente, sem ser ameaçadora. A idéia era ir aos poucos e, assim, criava uma intimidade na maior parte das vezes iniciada com as mulheres, especialmente aquelas que tinham uma idade próxima à minha (muitas vezes, eram as mães nas casas com crianças pequenas). A outra condição facilitadora era o contato pessoal e familiar, as redes de parentesco e amizade através das quais fui contatando essas pessoas. O fato de ser apresentada por um amigo ou parente era um ponto fundamental e o que mais facilitava a visita às residências no período noturno.

Alguns acasos não planejados permitiram a criação de uma imagem de *boa moça, de família* e, portanto, facilitaram a entrada e a intimidade no espaço doméstico. Por exemplo, fazer as visitas acompanhada de uma das crianças que moravam comigo no pensionato – o que só aconteceu casualmente, porque uma das meninas com frequência queria me acompanhar quando eu visitava alguém que ela conhecia ou que tinha crianças de sua idade com quem pudesse brincar. No início, eu não soube como negar o pedido, mas temi que ao levá-la comigo poderia atrapalhar a pesquisa. Logo percebi que andar acompanhada de uma criança me tornava mais respeitável do que a figura de uma mulher sozinha, e abria portas. As pessoas não se sentiam ameaçadas por uma *forasteira*, mas agiam como se fosse apenas uma visita, com uma criança junto permitindo um tom mais familiar e “normal”. Ruth Landes (1986) também notou

isso na Bahia dos anos trinta. O fato de eu ser casada mas não ter filhos era considerado estranho, mas andar com as crianças denotaria minha tendência feminina à maternidade, ao cuidado com elas, a uma postura de seriedade e de responsabilidade.<sup>9</sup>

Havia uma aparente facilidade de abordar certos temas em campo se o tema era considerado feminino ou doméstico. A televisão é um meio de comunicação dentro do espaço doméstico e a telenovela é considerada feminina. Dado que a novela é relativamente feminilizada, é visto como normal que uma pesquisadora do sexo feminino faça este trabalho. (Isso não significa que pesquisadores do sexo masculino não possam pesquisar o tema, apenas que meu interesse pelo tema era considerado normal e menos questionado.) Mais ainda, a situação promovia a conversa com outras mulheres, num espaço familiar e apropriado para visitas. Nesse contexto, aparecer na casa de conhecidos que tinham filhos e levar mais uma criança, para que brincassem juntas, completava a sensação de apenas uma visita, criando um ambiente agradável e menos “artificial” na observação de campo. Minha opção por não fazer anotações naquela hora, deixando para escrever as observações posteriormente, também pareceu acertada para permitir que as pessoas se acostumassem com a minha presença.

É preciso esclarecer aqui que uma mulher sozinha vinda de São Paulo era ao mesmo tempo, também, perturbadora. Na medida em que os valores dominantes quanto à sexualidade e ao gênero se chocavam com a imagem da “paulista independente”, havia uma situação delicada que até gerou alguns constrangimentos. Por exemplo, numa família na qual consegui certa intimidade com a mãe e a filha, o pai raramente conversava comigo, dando a entender que não gostava muito de minha presença. Houve outros casos, como um homem que me conheceu no bar, num contexto em que só havia homens além de mim, não quis me apresentar a sua esposa quando os encontrei juntos noutra ocasião – dando a nítida impressão de que eu não deveria ser uma “mulher de família”. Outras pessoas não se sentiam à vontade para dizer o que pensavam e às vezes precisavam explicar que ali era diferente de São Paulo, principalmente na hora de expressar opiniões, por exemplo, a favor da virgindade para moças até o casamento.

Para entender esse eventual desconforto com a minha presença, é preciso explorar algumas construções de gênero no

contexto local. Essas construções, questionadas também por muitos que viviam ali, explicam a dificuldade inicial de alguns em revelar suas opiniões acerca de temas como sexualidade e relações entre homens e mulheres.

*Montes Claros é outra realidade (Laura)*

*Isso que eu te falei, Montes Claros ainda é muito preconceituosa. É isso que eu quero te dizer. E a realidade da novela, da cidade grande, mostra uma realidade, que para o Rio e São Paulo é tudo natural. Aqui é outra realidade. Os valores são outros... é um contraste. Por exemplo, a questão da virgindade, eu estou falando porque eu já escutei no meu colégio, com os adolescentes: “Ah! não, tenho que paquerar todas”, isso falam os meninos: “tenho que paquerar todas. Mas casar, vou casar com uma menina que é virgem, não vou casar com uma que já foi...” Você acredita? (...) Eu ouço isso dos meninos de quatorze, quinze, dezesseis anos.*

A fala acima é de Laura, orientadora em escola pública e mãe de três filhas adolescentes. Ela costumava comentar o machismo da região, criticando-o, e tentava mostrar o quanto gostaria de mudar essa situação. Por este motivo, destacava que educava suas filhas de modo diverso à forma que havia sido educada em sua família de origem. Ela casou-se aos 18 anos e dizia querer promover outra opção para suas filhas, para que elas pudessem ser mais maduras ao se casar, não tão jovens, e que tivessem alguma experiência (sexual ou amorosa?) antes do casamento. No entanto, sentia-se como exceção se comparada à maioria das mães de adolescentes e percebia que essa idéia não era bem aceita na cidade.

Esse *machismo* – esse é o termo usado ali – era um tema recorrente nas conversas com as mulheres. Eram conversas que aconteciam com maior frequência fora dos ambientes domésticos e dos momentos de se assistir às novelas. Por exemplo, Graça, manicure, casada, mãe de quatro filhos, era contida enquanto assistíamos a novela, quase não falava. Muitas vezes, minha forma de perguntar e conversar tinha que ser controlada – eu me vigiava para não impor o meu estilo de conversar a pessoas que muitas vezes

conversam de outras formas: pelos gestos, olhares, sorrisos e até silêncios (como mencionei na conversa com Marcela), mas também por metáforas, exemplos, contando casos aparentemente distantes ou passados. Depois da terceira visita, Graça me convidou para tomar uma cerveja no bar ao lado de sua casa. Como seu marido não costumava beber – situação bastante atípica se comparada com os outros casais – era no bar que tínhamos conversas mais íntimas e “de mulher”. Embora muitas vezes os bares, à noite, sejam lugares masculinos, com Graça era um espaço de conversa feminina, principalmente pela chance de estar longe dos filhos e do marido. Mas isto se dava sempre num horário em que o bar era ainda familiar – mais tarde da noite, ele poderia tornar-se um ambiente exclusivamente masculino. No bar ao lado de sua casa, Graça (e às vezes alguma de suas amigas) falava do machismo local, das dificuldades no casamento ou na educação dos filhos, e fazia perguntas muito diretas sobre meu casamento, como meu marido havia deixado que eu fosse para Montes Claros etc.

Essa observação era muito recorrente. As pessoas sempre se espantavam quando eu dizia ter um companheiro. Afirmavam que meu marido devia ser muito *bom* por *permitir* que eu viajasse a trabalho e que isso só podia mesmo acontecer porque eu não tinha filhos e porque vinha de São Paulo – onde tudo é mais *moderno*, inclusive os casamentos. Também o termo *moderno* é uma categoria nativa que, no entanto, é alimentada de sentidos pela mídia. O fato de eu ter mais de 30 anos, ser casada e não ter filhos parecia igualmente uma opção estranha – não conheci nenhuma mulher ali que fosse casada e não tivesse filhos, a não ser que não pudesse tê-los. Nota-se assim que por ter um marido que me *deixava* viajar a trabalho sozinha, por não ter filhos, por ter *coragem* de encarar tal trabalho, e por vir de São Paulo, eu era categorizada como uma mulher atípica para o contexto. No entanto, era um tipo bastante conhecido se comparada às mulheres modernas e profissionais de cidade grande que eram admiradas nas novelas – pelo menos era a imagem que algumas pessoas expressavam, especialmente algumas adolescentes que o disseram mais abertamente.

Entretanto, cabe ressaltar que conheci muitas mulheres *corajosas*, que também não se encaixavam no modelo *tradicional*, mas elas às vezes tinham o estatuto de pessoas diferentes, exceções à regra, alvo de fofocas e piadas. Era preciso que tivessem alguma

qualidade que as destacasse para não ficarem simplesmente mal faladas – ser artista, ou da elite, ou de uma família tradicional, ou ser *de fora*. Como lembra Rabinow, os informantes relativamente “marginais” na sociedade são muitas vezes ideais – refletem mais sobre a sociedade em que vivem, suas regras sociais, seus padrões, exatamente porque muitas vezes os questionam. Também algumas dessas mulheres, ao lado de outros grupos fora do padrão hegemônico – artistas, homossexuais, adolescente rebeldes – formavam grupos alternativos, rodas de amigos que se encontravam em alguns lugares especiais, como a casa de uma cantora. Outras, no entanto, ficavam mesmo um tanto isoladas socialmente.

Quase todas as mulheres e vários homens falavam do machismo reinante, e elas ainda lamentavam-se da infidelidade e dos ciúmes – dois traços associados a esse machismo. Todos destacavam que Montes Claros era diferente de São Paulo: mais atrasada, tradicional, interiorana, o que podia ser considerado positivo por várias pessoas (especialmente as mais velhas, com mais de 40 anos, os católicos mais conservadores), mas era visto como algo negativo por aquelas que acrescentavam o adjetivo machista.

A problemática do gênero surgia de forma forte e marcante na realidade local, e também servia de contraponto constante à televisão. Nas novelas, tudo seria diferente de Montes Claros, e parecido com o que imaginavam ser no Rio ou em São Paulo. Nesse sentido, eu era muitas vezes vista pelas mulheres como alguém de sorte. Assim, esta oposição entre um aqui *tradicional* (termo que eles usavam) e um lá *moderno* (São Paulo de onde eu vinha, ou a cidade grande da novela) era o parâmetro para se discutir questões de gênero, o conteúdo da novela, e o papel social da televisão. Era também o contraponto para explicarem porque a vida ali era diferente do que eu conhecia e tinha vivido em São Paulo.

Por outro lado, relações familiares, gênero e sexualidade eram o meu objeto de estudo já em comparação com a televisão e certamente algumas dessas reflexões foram sendo feitas à medida que eu estimulava meus informantes a pensar nesses problemas. A referência costumava ser como a família é mostrada nas cenas de *O Rei do Gado*, e como em Montes Claros era diverso. Se o protagonista da narrativa aceitava a traição de sua mulher, na *vida real*, é o

contrário que costuma acontecer – os homens traem, e as mulheres *relevam*. Essa comparação expunha o que chamavam de machismo. De qualquer forma, era a situação da pesquisa que promovia essa intensa reflexão sobre o tema, como lembra Rabinow:

*Quando um antropólogo se insere numa cultura, ele treina as pessoas a objetivarem seu mundo da vida. Em todas as culturas, com certeza, já existem processos de objetivação e reflexão sobre si mesma. Mas essa tradução consciente e explícita para um meio externo é rara. O antropólogo provoca um acréscimo de consciência. Assim, a análise antropológica deve incorporar dois fatos: primeiro, que nós próprios estamos historicamente situados através das questões que perguntamos e da maneira que buscamos entender e vivenciar o mundo; e segundo, que o que recebemos de nossos informantes são interpretações, igualmente mediadas pela história e pela cultura. Conseqüentemente, os dados que coletamos são duplamente mediados, primeiro pela nossa própria presença e depois pela reflexão de segunda ordem que demandamos de nossos informantes. (1977, p. 119)<sup>10</sup>*

Concordo inteiramente com esta reflexão de Rabinow. Mas além dessas mediações, no meu caso, pela temática que combinava com o tipo de tema das novelas (relações de amor e família) a própria televisão e a novela já traziam para muitas pessoas esse tipo de reflexão comparativa. As pessoas já costumavam ter uma reflexão sobre estes temas a partir da comparação com a televisão, que era parte de seu cotidiano há muito tempo. Considerando este universo de mediações, é preciso destacar que a própria televisão é construtora de categorias do gênero e de sexualidade que estavam sendo pesquisadas. Certamente, minha insistência no tema foi o que provocou muitas dessas observações e ainda uma implícita comparação com o que se imaginava a respeito das relações familiares e os casamentos na cidade e no contexto social de onde eu vinha: São Paulo, meio universitário. A comparação mais explícita era com o universo da novela, e esta também era aproximada aos grandes centros urbanos (ponto também demonstrado em outras análises de recepção de

telenovelas). Mesmo quando a novela retrata um contexto rural, como era o caso de *O Rei do Gado*, considera-se que os valores familiares e as formas de relações entre homens e mulheres combinavam com o universo dos padrões comportamentais de uma cidade grande e não tinham a ver com a realidade de uma cidade relativamente pequena, do interior, como Montes Claros. Nessa oposição, as variações internas de cada contexto eram apagadas em nome de uma generalização.

Ainda que destacassem uma desigualdade, mencionada com frequência pelas mulheres (e que era melhor percebida pela comparação com os conteúdos da televisão e das novelas), a maioria das mulheres que conheci trabalhavam fora e tinham muitas vezes uma atuação que não correspondia à imagem de mulher oprimida do exemplo inicial de Marcela. Mas na esfera da sexualidade a desigualdade de gêneros parecia mais forte: a atuação sexual masculina (heterossexual) era exaltada como uma *natureza incontrolável*, principalmente fora do casamento; a feminina deveria ser controlada e restrita idealmente a esfera do casamento. Se esta construção de natureza masculina levava ao sexo, principalmente ao adultério, a feminina era vista como de outra ordem, que levava à maternidade e à instauração da família. Mas a virgindade era cada vez mais um ideal ultrapassado pelos fatos (como o número de mulheres na faixa dos 30 anos que se casaram e grávidas revela).

## MUDANÇA SOCIAL E AS FRONTEIRAS

Carlos e Fernanda têm uma relação relativamente igualitária: ambos trabalham fora e sustentam a casa, ele cuida muito das filhas – na verdade, como vários casais de classe média na faixa dos 30 anos ou mais jovens, demonstram que há uma mudança social na construção de gênero. Mesmo assim, Carlos revela como sua educação era diferente do controle que sofriam suas irmãs. Ao passo que era incentivado a iniciar sua vida sexual, ele percebe que suas irmãs eram muito reprimidas – o que acabou sendo inútil, na sua opinião, pois duas delas casaram-se grávidas e depois se divorciaram. Embora revelem ter uma relação mais igualitária como vários dos casais mais jovens que conheci, Fernanda critica os ciúmes de Carlos

e o fato dele querer controlar seus decotes e minissaias, e implicar com sua amizade com rapazes homossexuais.

Eu era com frequência definida pelo local de origem: a *paulista* – uma forma de categorizar como alguém de fora, que destacava que eu estava lá de passagem e que ao mesmo tempo me permitia maior liberdade. Aproveitando esse diferencial inevitável, fui ampliando o escopo da pesquisa ao permanecer às vezes mais tempo com os homens no bar, conversando também mais longamente com alguns deles, especialmente alguns que se tornaram meus amigos, como Carlos. Essa situação também aconteceu casualmente – passando na frente de um bar, à noite, um conhecido, professor universitário que já havia morado em Belo Horizonte e na Bahia, e um dos maiores críticos ao machismo e coronelismo local, me convidou para tomar uma cerveja com ele e outros amigos. Estas conversas no bar com alguns homens, por exemplo, não criavam problemas na medida em que eu também me comportava, ao mesmo tempo, de modo apropriado – não estava “dando bola” para ninguém, mas ficava no bar, apenas conversando, vendo futebol, tomando uma cerveja, e puxando conversa. Todos comportamentos bem aceitos para mulheres casadas, mas que exigem, de preferência, que o marido ou um parente esteja por perto.

Essas conversas eram reveladoras: os homens também faziam desabafos e revelavam suas angústias, lamentavam algumas circunstâncias da vida e faziam fofocas – estas reveladoras sobre os padrões morais, sobre o que era visto como desvio, incluindo críticas terríveis a algumas mulheres consideradas *más*. Por outro lado, ficar no bar até tarde só com os rapazes, gerava fofocas desagradáveis (para mim) a meu respeito. Carlos contou-me que um ou outro conhecido lhe haviam perguntado, com malícia, qual era a relação dele comigo. Ele contava isso para demonstrar, mais uma vez, como Montes Claros era *careta* no seu dizer, já que não se podia imaginar que seríamos amigos, sem haver algo mais por trás dessa amizade. Carlos criticava a *caretice* das pessoas em achar que um homem e uma mulher, sem ser parentes, não poderiam ser apenas amigos – ainda mais considerando a amizade que eu tinha com sua esposa. O professor universitário também me avisava para tomar cuidado com a *língua do povo*. Ainda que o bar tenha seu horário familiar, de fato, depois de certa hora da noite, ele tornava-se um ambiente masculino e parecia

que enquanto os homens passavam o tempo na rua, as suas esposas deveriam estar em casa, com as crianças. Especialmente durante a semana depois das dez horas da noite, os bares eram espaços eminentemente masculinos. Assim, ser da rua, *rueiro*, é masculino – mulheres *rueiras* são cada vez mais comuns, mas nem sempre bem vistas pelos mais velhos. Ser *rueira* é um adjetivo negativo a uma mulher.

Alguns trabalhos etnográficos (como vários artigos em Golde) falam dessa necessidade de que o antropólogo vá além dos limites do universo do mesmo gênero do pesquisador. É no entanto de se surpreender a idéia de que a antropóloga, do sexo feminino, possa com mais facilidade fazer as passagens para universos masculinos do que os homens pesquisadores. Miguel Vale de Almeida afirma:

“Agora que a experiência de campo já pertence ao passado, tenho a consciência de que tudo teria sido mais fácil se fosse estrangeiro, se tivesse tido de aprender a língua e, inclusive, se fosse mulher e não homem. O meu estatuto de homem (e, para mais, oficialmente, solteiro) tornou difícil o acesso ao mundo feminino.” (1995, p. 22)

E em nota na mesma página:

*(...) em contextos de forte divisão sexual, se propiciem poucas situações de contato inter-sexual. Eu acrescentaria: e quando se propiciam, as informantes não ‘assexuam’ necessariamente o antropólogo. A experiência de terreno relatada por algumas colegas parece indicar que a investigadora é mais facilmente ‘assexuada’ pelo informantes, para não dizer ‘masculinizada’, o que se prende, naturalmente aos estereótipos de gênero associados à divisão de trabalho e ao poder simbólico da ciência. (1995, nota à página 22)*

Considero que em certos casos de fato, o pesquisador é assexuado, ou seja, ser mulher ou ser homem não é relevante, não é o que está em destaque em muitas situações da vida social, inclusive no trabalho de campo. Talvez Vale de Almeida tenha razão quanto a um processo de relativa masculinização da antropóloga devido aos próprios estereótipos associados ao campo profissional e científico.

Por outro lado, é mesmo difícil fazer essa passagem de um universo de masculino para feminino (ou vice-versa), de acordo com o

contexto em que se faz a pesquisa de campo. Se eu falei em freqüentar o mundo masculino, por exemplo, era porque isso era possível em minha pesquisa e porque ele nem sempre era tão distante do feminino ou tão exclusivamente masculino, mas pode ser muito dificultado em outros casos. Lila Abu-Lughod (1986) comenta em sua pesquisa com os beduínos que, para ser aceita, tinha que ser adotada por uma família e comportar-se como filha. Naquele contexto, qualquer atitude fora dos padrões de comportamento feminino colocaria em cheque a honra da própria família que a acolhera, mas, por outro lado, nesse universo feminino e doméstico, agindo e sendo socializada como alguém da família, deu-se um espaço de muito proveito para sua pesquisa. Ela revela que conseguia, mesmo dentro desse ideal de comportamento feminino muito restrito, acesso a certas questões das conversas masculinas, mas que o mesmo não se daria se fosse um pesquisador do sexo masculino:

*Minha concentração no mundo das mulheres poderia também ser considerada uma limitação. No entanto, de muitas maneiras, meu acesso a ambos os mundos era mais equilibrado do que se fosse um homem. Exceto circunstâncias raras, pesquisadores do sexo masculino em sociedades em que há segregação sexual têm muito menos acesso às mulheres do que eu tinha aos homens. Meu anfitrião não era apenas um informante muito articulado e generoso sobre si próprio e sua cultura, mas seu irmão mais novo, seus filhos, sobrinhos e homens com status de clientes eram todos visitantes freqüentes ao mundo das mulheres, com os quais eu podia conversar de modo relativamente livre. Ademais, a estrutura de fluxo de informações entre o mundo dos homens e das mulheres não era simétrico. Devido ao padrão hierárquico, os homens falavam entre si na presença das mulheres, mas o inverso não acontecia. Ainda, homens jovens e de status inferior informavam suas mães, tias, avós e esposas sobre os negócios da esfera dos homens, enquanto ninguém levava as notícias aos homens adultos. Uma conspiração de silêncio excluía os homens do mundo das mulheres. (1986, p. 23)<sup>11</sup>*

Vale de Almeida certamente encontrou dificuldade semelhante, um contraponto à descrição de Abu-Lughod. Mas talvez sua necessidade de se tornar mais à vontade nos espaços masculinos devido ao tema de seu trabalho (masculinidade) o tenha excluído progressivamente, aos olhos os informantes, dos espaços femininos. Assim, considero que é possível buscar alguns espaços não marcados pelo gênero, ou que “ultrapassem” as aparentes fronteiras locais de gênero, para conhecer melhor o contexto cultural e social pesquisado – embora seja importante considerar os riscos inerentes às tentativas do pesquisador que quebrem as regras locais. Mas parece ser indicador de uma questão mais complexa sobre o jogo de poder o fato de em sociedades onde a segregação sexual e a desigualdade são maiores, ser mulher, ou seja, ter menor status, facilite o trabalho de pesquisa.

Em Montes Claros, uma outra construção de gênero aparecia: a centralidade da figura feminina e materna nas famílias – por isso inclusive sair com crianças pode facilitar a circulação da antropóloga. O contexto é diferente daqueles das classes populares dos grandes centros urbanos, de família matrifocais, em que a figura do pai é ausente – como desenvolve Ruth Landes (1947) a respeito das famílias de santo na Bahia. Ainda assim, a idéia permanece de que manter uma família unida é uma característica da mulher e da sua capacidade de *segurar as pontas* – em vários sentidos, em termos de rendimentos, de afetividade, ou de saber lidar com os contratempos do cotidiano. Aparece também a idéia de que a mulher tem que *relevar* muitas coisas, como por exemplo, a infidelidade conjugal. No fundo, trata-se de uma concepção de que a mulher é mais *forte* do que o homem. Ser mais forte, no entanto, leva-as a ter uma “carga maior para levar nas costas”. No discurso de muitas mulheres, não é sexo frágil, mas o forte, o que pode não ser nada vantajoso.

Era também como mulheres fortes e corajosas que muitas heroínas das novelas eram consideradas. Esse conceito de *força feminina* é ambíguo e leva a dois extremos opostos: por um lado, a idéia de que é preciso *agüentar* e, por outro, a noção de batalhar, muitas vezes incluindo aí a questão da carreira profissional. Especialmente para as moças mais jovens, ainda solteiras, é recorrente a idéia de que a profissão é algo muito importante, a que almejam e que explica muitas vezes o esforço no campo do estudo, principalmente das moças das

famílias de camadas populares. Como uma antropóloga que estava batalhando na profissão eu era bem aceita e até admirada por algumas mulheres nessa categoria de “batalhadora” com a qual muitas se identificavam, além de apontar para os tipos femininos nas novelas.

Batalhar no trabalho nem sempre se trata de uma profissão específica, mas um modo de *se virar* – se muitas mulheres têm profissões definidas ao longo de toda a vida, principalmente no campo da educação, no entanto é muitas vezes mudando várias vezes de atividade e buscando novas formas de sustentar a família que homens e mulheres sobrevivem no mercado de trabalho, muitas vezes no mercado informal. *Batalhar* é uma linguagem entendida pela maioria das mulheres, quase todas trabalham fora e o sustento familiar depende de seus rendimentos. Note-se que o termo refere-se a uma luta, a luta da vida cotidiana, da *labuta*.

Por isso mesmo, parecia-me marcante a noção de uma maior liberdade por parte dos homens principalmente na questão da sexualidade, inclusive com a valorização da “tradição” de que a mulher deve se casar virgem. Certamente isso não significa que as mulheres de fato se casem ainda virgens. Mas é nesta esfera da sexualidade, em que a maior desigualdade entre homens e mulheres pode ser notada, que surge uma reflexão e um discurso bastante crítico quanto à televisão, que estaria rompendo com valores tradicionais.

Nota-se no discurso dos espectadores a percepção de que mudanças de valores em termos de família e sexualidade se daria pela “influência da televisão”, pelas heroínas independentes e sexualmente livres das novelas, pelo excesso de cenas de sexo e nudez. Isso foi mencionado de modo renitente no início do trabalho de campo, como um aspecto *ruim* da TV, sua influência negativa e perversa – ou como chegam a dizer alguns religiosos, “perniciosa”. Mas ainda que criticando alguns excessos na televisão, este aspecto de liberalização de costumes associado à sua influência pode ser visto como algo positivo, pelas pessoas que valorizam essas mudanças como parte da diminuição de um machismo tradicional (como era o caso de Fernanda). Algumas dessas mudanças eram então positivadas e destacadas inclusive nas histórias de vida:

*Marta: Casei [grávida] com dezessete anos, tive dois filhos, eu ganhei Isadora [filha mais velha] com dezoito anos, fiz a ligação de trompas com vinte quatro anos, e depois separei. (...) Alberto [ex-marido] foi o primeiro homem na minha vida, ele tinha uma segurança que eu seria mulher dele o resto da vida, ele tinha certeza disso, que eu nunca teria coragem de separar. Eu sempre fui assim... com ele eu era submissa. Eu não era muito de discutir com ele não, porque ele era muito grosso. Então, para eu não escutar, eu não falava. Ele nunca iria esperar que eu tomasse essa atitude.*

*Heloisa: Por isso foi tão difícil a separação?*

*Marta: Foi, muito, porque eu queria separar dele quando eu tive a Isadora. Não consegui separar por causa da família.*

*Heloisa: Sua família não queria que você separasse?*

*Marta: Não, e eu era muito nova, tinha dezoito, dezenove anos, não consegui. Então foi por mim mesmo, eu falei “não adianta que eu não quero, pronto, acabou. Minha mãe não vai viver minha vida”. Eu tinha que viver mesmo a minha vida e deixar pra trás... Se eu fosse viver daí para frente, eu já estava com vinte e sete, se fosse continuar com Alberto, imagina aos quarenta, eu já estaria morta. Sendo um vegetal, só, porque eu estava vegetando. Não que assim... eu não estava com aquela preocupação que eu tinha que arrumar outro homem, não é isso. Eu queria me libertar, porque além de tudo, da maneira dele me tratar, ele era muito ciumento, possessivo, não deixava eu conversar, não deixava eu sair, não deixava eu falar, não deixava eu fazer nada. Ele era assim, machista.*

Como o exemplo de Marta e sua decisão de se separar, há outras possibilidades de construção de gênero e comportamentos, para além dos mais legitimados. Nota-se que o relato de Marta poderia ser parecido ao de Marcela – casa-se grávida, muito jovem, mas Marta conta que sempre trabalhou. Como já disse, a *força* feminina pode estar no aspecto da luta para mudar a situação, como o exemplo acima. Marta constrói uma narrativa a respeito de si que passa da mulher que *agüenta* um marido machista, para uma mulher que decide

tomar sua vida em suas mãos, separar-se, rompendo com amarras de ordem familiar. Mas esse foi um processo que levou dez anos – nada tão fácil quanto mostram as novelas. Marta tinha dúvida e angústias, mas diferentemente de Marcela e quase como uma protagonista da novela, destacava a sua atuação e sua escolha individual.

Reverendo minhas anotações no diário de campo, comecei a perceber que apenas o viés da desigualdade de gênero e daquilo que era visto como uma tradição familiar formava um retrato um tanto simplificado do que acontecia ali – ainda que as pessoas destacassem e repetissem essa noção, sempre se opondo aos conteúdos da televisão. Se a tradição familiar fosse tão poderosa mesmo, não haveria tantos conflitos, mulheres divorciadas, ou as que se consideravam independentes, nem as pessoas que conversavam comigo criticando esses traços mais conservadores da vida nessa cidade, como Laura. Percebi então que a tradição local, pensada como os valores familiares que levavam a desigualdade entre os gêneros, era também vista negativamente.

Entretanto, algumas histórias pessoais, bem como algumas tragédias que aconteceram ali me faziam refletir sobre os níveis de violência na sociedade brasileira. Parecia muitas vezes estranho que eu falasse na violência local – afinal todos lembravam que eu vinha de uma cidade de muita violência, com altos índices de assaltos e assassinatos. Mas a violência constante que senti em Montes Claros não era dessa ordem, da violência urbana. Na verdade, era um tipo comum em toda a história do Brasil – a violência doméstica que relatei com o caso de Marcela, a violência política,<sup>12</sup> das famílias tradicionais e dos *coronéis*, violência notável que há na pobreza e na miséria, nas tragédias do cotidiano, e a violência simbólica que se espalha sutilmente pela fofoca.

Ao mesmo tempo, na novela que acompanhávamos, houve casos de violência conjugal – um dos vilões da narrativa (Ralf) batia em sua mulher, Léia. Embora quase ninguém tivesse simpatia por Léia, desde o início da narrativa uma personagem vista como antipática e fútil, a situação de que ela começa a apanhar de seu novo marido, um *cafejeste* (como diziam as espectadoras) que vive às custas do dinheiro dela, gerou muitas discussões quando assistíamos à novela. A partir destas cenas, muitas mulheres expressavam seu descontentamento, considerando-as como “mau exemplo”, já que Léia

não reagia (no início). Por outro lado, a partir do caso de Léia, muitos comentavam casos de pessoas conhecidas, mulheres que permaneciam numa relação violenta. Todos que relatavam tais casos em terceira pessoa eram unânimes em criticar tal passividade, em dizer que a mulher não deveria aceitar isso, devia largar do marido, devia reagir. Estaria, portanto, nas mãos das mulheres tomar uma atitude para romper o contexto de violência conjugal, separando-se – implícito estava que um homem *bom* jamais faria isso. A definição de homem *ruim* remete àquele que bate na mulher e tem mais de um dos vícios masculinos (bebida, mulheres, ou jogo).

Infelizmente, mas também de modo revelador, Marcela nunca conversou sobre os personagens Léia e Ralf – aliás, ninguém discutiu o tema em primeira pessoa. Cabe notar aqui que ao fazer contatos mais extensos e constantes com algumas famílias, aquelas que me aceitavam em sua casa no momento de ver a novela só o faziam se estivessem em situação familiar relativamente tranquila e não tão conflituosa. Algumas casas que visitei no início, buscando pessoas que acompanhassem a novela, não se sentiam nem um pouco à vontade com a minha presença. Um certo estranhamento inicial, na primeira visita, ou nas primeiras, era considerado normal. Mas algumas pessoas se sentiam visivelmente tão incomodadas com minha presença – por exemplo, ninguém falava nada durante a novela nem durante o comercial, e mesmo pouca conversa depois – que eu havia excluído tais grupos de minha pesquisa. Se minha presença era tão perturbadora (o motivo, eu não saberia dizer) considerei que não era o melhor contexto para entender a relação com a televisão com um pouco mais de “naturalidade”, de forma que demonstrasse algo condizente com o cotidiano local.

Certamente eu era uma visita especial em muitas casas, mas já comentei como aos poucos, contando com a ajuda das crianças, minha presença podia se tornar uma visita mais comum, não como uma “pesquisadora-invasora”. Era uma certa naturalidade e maior conforto que eu buscava, porque assim os comentários sobre a novela e a televisão saíam com mais facilidade e toda uma gama de material sobre o tema da pesquisa ia surgindo aos poucos, de forma crescente a cada visita.

Parecia que apenas as famílias que não estivessem em momentos de grande conflito se sentiam mais à vontade com minha

presença, mas por outro lado, Marcela por exemplo, insistia para que eu fosse ver a novela com ela. Certamente ela buscava uma amiga, alguém com quem conversar, especialmente porque Marcela era uma pessoa muito solitária e quase sem amigos. Mas outras informantes tiveram-me também como amiga e confidente – não era tão rara essa expectativa com relação à minha pessoa, uma vez que essas conversas com as mulheres eram uma fonte importante de dados para minha pesquisa e eu as incentivava. Mas no caso de Marcela surge um tema muito difícil de tratar sem parecer confessional demais para reflexões acadêmicas: eu não me sentia à vontade perto de seu marido, especialmente dentro da casa dele. Ele tentava ser simpático e puxar conversa comigo – mas eu me sentia desconfortável e às vezes até com receio. Para entrar num momento de intimidade familiar, era preciso mais do que conquistar a confiança ou a simpatia de alguns membros de uma família, mas o inverso também se dava. Enfim, a simpatia precisava ser recíproca. E simpatia não é um termo, um conceito claro – talvez seja o que alguns autores, como Rabinow, chamam *rapport*. Mas mesmo *rapport* é algo certamente bastante subjetivo. No entanto, é uma relação central para um bom trabalho de campo, pelo menos no caso de uma pesquisa que trata de temas sobre a intimidade e a privacidade dos indivíduos, como relações familiares e moral sexual. Percebi a importância do *rapport* apenas com a experiência do próprio campo.

Além da simpatia, é preciso lembrar que há, de fato, algumas situações de risco e perigo para a/o pesquisador/a em campo. É preciso lembrar que o trabalho de campo inclui inúmeras situações incômodas e desconfortáveis – sem falar no eventual desconforto físico, de espaço, de alimentação, de doenças causados pela distância social e geográfica. Cada nova família contatada e todas as primeiras vezes que vi a novela numa nova casa constituíam momentos de estranhamento (mútuo?) entre pesquisador e informantes. Mas aos poucos, na maioria das vezes, isso mudava. Não que tudo ficasse resolvido – havia muitos desentendidos, mal-entendidos, ironias que eu não captava, medo de estar fazendo algo errado que comprometesse o trabalho, insegurança quanto à interpretação das falas e principalmente dos olhares e dos silêncios etc. Ainda assim, progressivamente fui me sentindo “em casa” com diferentes pessoas, mais à vontade e desenvolvendo intimidade com alguns. Além

disso, o trabalho de campo exige também que o pesquisador seja levado pelos informantes, e não tenha controle o tempo todo – muitas vezes era acompanhando as pessoas em seus afazeres mais cotidianos, sendo levada a festas, reuniões políticas, missas e rituais religiosos, visitas e viagens que eu fazia e mantinha uma a rede de informantes e uma visão melhor da sociedade local. Mesmo assim, algumas dessas situações eram incômodas ou mesmo assustadoras, e geravam dúvidas do tipo “será que eu deveria estar aqui?”, “o que estou fazendo?” ou “será que eu disse alguma bobagem?”.

Há certamente riscos de ordem emocional – uma família da qual fiquei muito próxima, cuja amizade foi central, sofreu uma tragédia com a morte repentina de uma mulher exatamente da minha idade, num acidente de carro. O filho dela, um menino de 11 anos que também estava no acidente, ficou bastante ferido. E uma parte grande de minha pesquisa ficou imersa na tentativa de dar apoio àquelas pessoas e de eu mesma lidar com a perda em questão, e com os sentidos simbólicos que aquela morte provocou. (Não foi a única morte naquele período, mas foi a mais próxima de mim.) Esse *rapport*, essa simpatia e aproximação que eu tinha com a família que sofreu a perda, por exemplo, muitas vezes levava a um sentimento de identificação que acontecia com homens e mulheres, mas com mais frequência com as mulheres (principalmente as de classe média na mesma faixa etária que eu).

Foi muito produtivo conseguir explorar maior intimidade com algumas mulheres e com alguns grupos de pessoas – como um núcleo de jovens homossexuais e artistas, algumas pessoas que haviam morado em São Paulo ou Rio de Janeiro que se tornaram meus amigos, e outras que se sentiam um tanto marginais nas regras locais, seja porque se viam como alternativos pelo estilo de vida, seja por motivos de alcoolismo e uso de drogas, ou mesmo pela orientação sexual. Todos eles foram informantes fundamentais – embora muitos deles nem sequer assistissem à novela ou à televisão, mas pela conversa revelavam aspectos da sociedade local, e pela intimidade e amizade de alguns tornaram mais agradável a minha estadia na cidade. Eram exatamente aqueles que se consideravam alternativos, ou até se sentiam um tanto marginalizados, que explicitavam com maior destaque as regras sociais – especialmente através de críticas, como desenvolve Rabinow sobre alguns informantes no Marrocos.

## PASSAGENS

A frase de Guimarães Rosa que é dita por Diadorim em *Grande Sertão Veredas* (“Mulher é uma gente muito infeliz”) revela um conceito comum sobre a dureza e infelicidade maior da vida feminina numa sociedade em que o homem é visto como superior. Rosa refere-se ao sertão, ao espaço masculino dos jagunços e da violência armada, em que resta poucos lugares sociais respeitáveis às mulheres que não seriam de sofrimento, espera e paciência. Por isso, me remetem à descrição que fiz de Marcela acima. Mas isso não é um dado inescapável, uma condição sem saída. São construções históricas e sociais que restringem a vida cotidiana, mas que também se transformam nesse mesmo cotidiano, como o próprio personagem Diadorim, uma mulher disfarçada de homem, revela. Diadorim não se resignou ao espaço feminino, travestiu-se e “tornou-se um homem” para lutar e vingar a morte do pai (atitude de filho homem), mas não escapou (como não poderia) das condições sociais violentas daquele mesmo espaço social masculino. Dentro destas condições sociais, no entanto, Diadorim ultrapassou a aparente fronteira de gênero, tornou-se socialmente homem. É uma metáfora do que a antropóloga pode ter que fazer em campo. Mas Diadorim era ainda assim uma mulher que sofria, e por isso “ele” mesmo dizia a Riobaldo: “mulher é uma gente muito infeliz”.

É possível concluir que o lugar liminar, ou intercultural que Rabinow fala a respeito do etnógrafo em campo acaba sendo também semelhante a certa liminaridade em termos de gênero que é ali criada e sem a qual não seria possível circular e pesquisar de modo mais amplo. Ambas as situações exigindo de todas as partes envolvidas – antropóloga e informantes – constantes questionamento e reflexão. No caso, a televisão servia também de mediação e espaço de passagem, liminar entre o cotidiano local e o seu lugar de produção, o Rio de Janeiro. Pela aproximação entre televisão e comportamentos das cidades grandes, eu também era entendida e aceita como diferente porque *de fora*.

Na minha experiência, percebi um paradoxo: se, por um lado, para realizar completamente a pesquisa, era preciso “ultrapassar o gênero” e tornar-me um pouco mais neutra, conseguindo assim ter

acesso a espaços masculinos; por outro lado, diante das desigualdades sociais de gênero, minha identidade feminina se destacava, sendo que a experiência do sofrimento e da angústia era muitas vezes o lugar da proximidade com outras mulheres. Não fui a campo para fazer uma etnografia feminista, mas voltei do campo muito mais feminista em minhas convicções do que eu poderia imaginar.

A postura de tentar ultrapassar os limites do gênero dificilmente tira da pesquisadora, como indivíduo, sua capacidade de buscar identidades e aprofundamentos baseados em seu próprio gênero – como fizeram Vale de Almeida e Abu-Lughod citados acima. As mulheres que me tomavam como confidente revelavam histórias quase secretas de suas vidas, suas angústias etc., talvez estivessem aproveitando a oportunidade para falar, a chance de ter alguém que quisesse ouvir e discutir seus problemas. Estas situações me expunham ao sofrimento e às dificuldades cotidianas, com os quais por vezes eu me identificava. Assim, era inevitável uma proximidade e uma sensação de simpatia específica com as mulheres, reforçando minha identidade feminina. Isso não impede nem exclui a amizade com os homens, alguns dos quais também centrais tanto ao trabalho da pesquisa como à minha sobrevivência emocional durante o período.

No entanto, seria impossível esquecer de outras diferenças e desigualdades nesse encontro. Por um lado, a diferença entre ser a pesquisadora e ter uma visão mais geral do trabalho, com a chance de sair e me libertar daquele universo que por vezes me parecia tão opressivo. Por outro, as diferenças também entre as mulheres com quem mais me identificava: diferenças de classe social, de raça e também de contextos cotidianos. Ser “de fora” era, muitas vezes, um grande alívio, e Fernanda percebia isso quando estava se despedindo de mim:

*Helô, agora você vai embora. Vai voltar para São Paulo, escrever a sua tese, e vai esquecer da gente. E a gente vai sempre falar em você, nas conversas, vamos lembrar de você. Mas você vai esquecer da gente.*

De fato, vim embora e a sua realidade não faz mesmo parte de meu cotidiano. Mas mal sabe ela que a marca deixada por aquela experiência não se apaga, não se esquece facilmente – principalmente

porque é relembando os acontecidos em Montes Claros que escrevo a tese. Voltar do trabalho de campo torna a pesquisadora mais segura, sem dúvida, porque finalmente a experiência tradicional do campo me constituiu como antropóloga. Ainda mais, como lembram quase todos os autores que citei aqui, há mesmo uma constituição interna, da vida pessoal, que se modifica com essa experiência.

Principalmente na hora em que escrevo a tese e revejo vários acontecimentos que assisti e vivi no período em questão, percebo que a experiência de Montes Claros ainda não sai do pensamento. A sensação de esquecimento de Fernanda, entretanto, tem muito sentido – basta atentar para o que o processo da escrita acadêmica faz com a “vida vivida” que observamos. Na hora de escrever sobre as pessoas e suas vidas, tanto disso fica diminuído, tanta vida (e morte) desaparece diante dos problemas e questões teóricas, da crescente bibliografia, do arranjo lógico de um argumento, um texto, uma tese.

## NOTAS

<sup>1</sup> Tratava-se do projeto “O Impacto Social da Televisão sobre o Comportamento Reprodutivo no Brasil”, no qual eu me inseri como pesquisadora do Cebrap. Esta pesquisa contou com profissionais das áreas de antropologia, sociologia, demografia e comunicação de várias instituições (Cebrap, Unicamp, USP, UFMG e Universidade do Texas), foi financiada pelas fundações Hewlett, MacArthur e Rockefeller, e contém várias outras etapas, além de três etnografias de recepção realizadas em Montes Claros, São Paulo e Macambira (nome fictício de uma pequena cidade de 2 mil habitantes no sertão do Rio Grande do Norte). Agradeço aos participantes do projeto. Durante essa pesquisa de campo, elaborei meu projeto de doutoramento que visa discutir gênero, televisão e consumo, pensando diferentes esferas – o universo da produção comercial da televisão, por um lado, e a recepção da narrativa ficcional, por outro. O doutoramento conta com o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Agradeço a Guita Grin Debert os comentários e a discussão sobre este artigo.

<sup>2</sup> Por exemplo, é o caso de autores cujas referências teóricas parecem relevantes, mas sem levar às últimas conseqüências o contexto social em que se dá a recepção: ANG, Ien. *Watching Dallas: soap opera and the*

*melodramatic imagination*. London: Routledge, 1985; vários ensaios em BROWN, Mary Ellen (Ed.). *Television and Women's Culture: the politics of the popular*. London: SAGE, 1990; artigos em LULL, James (Ed.). *Inside Family Viewing: ethnographic research on television's audiences*. London: Routledge, 1990; MORLEY, David. *Family Television - cultural power and domestic leisure*. London: Routledge, 1993 (1986); SEITER, Ellen et al.. *Remote Control: Television, audiences and cultural power*. London and New York: Routledge, 1989. Os trabalhos brasileiros que realizam com maior profundidade a etnografia de recepção, por exemplo, são os de LEAL, Ondina Fachel. *A Leitura Social da Novela das Oito*. Petrópolis: Vozes, 1986 e PRADO, Rosane Manhães. *Mulher de novela e mulher de verdade*. Rio de Janeiro. 1987. Dissertação (Mestrado) UFRJ - Museu Nacional.

<sup>3</sup> “Mulher é uma gente muito infeliz” é uma frase de Diadorim em *Grande Sertão: Veredas*. Agradeço a Aline Mendonça por chamar a minha atenção quanto a esta frase e a outras menções à obra de Guimarães Rosa. Agradeço mais ainda a todos de Montes Claros que permitiram essa pesquisa, que partilharam de suas vidas e intimidade comigo.

<sup>4</sup> Cf. por exemplo, BRIGGS, Jean. “Kapluna Daughter”, CODERE, Helen. “Fieldwork in Rwanda, 1959-1960”, FREEDMAN, Diane. “Wife, Widow, Woman: Roles of an anthropologist in a Transylvanian village”, GOLDE, Peggy. “Odyssey of Encounter”, WEIDMAN, Hazel H. “On Ambivalence and the Field”, NADER, Laura. “From Anguish to Exultation”, todos em GOLDE, Peggy (ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986 (1970).

<sup>5</sup> Outras etnografias, às vezes definidas como feministas, ou mesmo textos considerados literários e de ficção inspiram este trabalho e tocam em temas semelhantes, além de trabalhos que discutem especificamente questões teórico-metodológicas quanto à etnografia. Cf. BEHAR, Ruth. *Translated Women*. Boston: Beacon Press, 1993 e *The Vulnerable Observer*. Boston: Beacon Press, 1996; BOWEN, Elenore Smith. *Return to Laughter*. New York: Doubleday Anchor, 1964; CALLAWAY, Helen. “Ethnography and experience: gender implications in fieldwork and texts” in Callaway and Okely. *Anthropology and Autobiography*. London: Routledge, 1992; CLIFFORD, James. “Introduction: Partial Truths” e “On Ethnographic Allegory” in CLIFFORD, James e MARCUS, George. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986; *Critique of Anthropology* (Special Issue on Women Writing Culture). vol. 13, n. 4, December, 1993; GEERTZ, Clifford. *Works and Lives: the anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press,

1988; MEAD, Margaret. *Coming of Age in Samoa*. New York: Morrow Quill, 1961 (1928); SHOSTAK, Marjorie. *Nisa: The Life and Words of a !Kung Woman*. New York: Vintage Books, 1983; VISWESWARAN, Kamala. *Fictions of Feminist Ethnography*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

<sup>6</sup> Teresa De Lauretis, em seus trabalhos recentes, com base em uma perspectiva foucaultiana, encara as concepções de gênero construídas em várias esferas da vida cotidiana (inclusive na mídia e seus textos) como “Tecnologias do Gênero” (1994). Cf. mais sobre gênero em diferentes pesquisas em STRATHERN, Marilyn and MacCORMACK, Carol. *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

<sup>7</sup> Cf. mais sobre as questões que Ruth Landes enfrentou no trabalho de campo em HEALEY, Mark. “Os desencontros da tradição em *Cidades das Mulheres*: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 6/7, 1996, p.153-199.

<sup>8</sup> Novela das oito da Rede Globo que foi objeto central da análise de recepção. Exibida entre Junho de 1996 e Fevereiro de 1997, foi escrita por Benedito Rui Barbosa.

<sup>9</sup> Gutmann (GUTTMAN, Matthew. *The Meanings of Macho: Being a man in Mexico City*. Berkeley: University of California Press, 1996), que em seu trabalho de campo viajou com sua família, comenta que a presença de sua filha, ainda bem pequena, tornou-se um meio de acesso à conversa sobre paternidade (um dos seus temas de estudo). No entanto, ele não explora todas as conseqüências possíveis da atuação de sua filha e de sua esposa no bairro popular da Cidade do México em que faz sua pesquisa sobre masculinidade.

<sup>10</sup> “Whenever an anthropologist enters a culture, he trains people to objectify their life-world for him. Within all cultures, of course, there is already objectification and self-reflection. But this explicit self-conscious translation into an external medium is rare. The anthropologist creates a doubling of consciousness. Therefore, anthropological analysis must incorporate two facts: first, that we ourselves are historically situated through the questions we ask and the manner in which we seek to understand and experience the world; and second, that what we receive from our informants are interpretations, equally mediated by history and culture. Consequently, the data we collect is doubly mediated, first by our own presence and then by the second-order self-reflection we demand from our informants.” (1977, p. 119)

<sup>11</sup> “My concentration in the woman’s world might also be considered a limitation. In many ways, however, my access to both worlds was more

balanced than a man’s would have been. Except in rare instances, male researches in sex-segregated societies have far less access to women than I had to men. Not only was my host an extremely articulate and generous informant about himself and his culture, but his younger brother, sons and nephews, and the client-status men were all frequent visitors in the women’s world with whom I could speak relatively freely. Furthermore, the structure of information flow between the men’s and women’s worlds was not symmetrical. Because of the pattern of hierarchy, men spoke to one another in the presence of women, but the reverse was not true. In addition, young and low-status men informed mothers, aunts and grandmothers, and (for the latter) wives about men’s affairs, whereas no one brought news to the adult men. A conspiracy of silence excluded men from the women’s world.” (1986, p. 23)

<sup>12</sup> Aliás, em ano de eleições municipais, um desses casos aconteceu enquanto eu estava lá. Um cabo eleitoral, que havia jogado um ovo num dos candidatos a prefeito, e depois pedira perdão ao candidato diante das câmaras de televisão, apareceu afogado num rio nas redondezas. Todo mundo desconfiava que não fosse nenhum “acidente”. No entanto, cabe destacar que a violência eleitoral era muito maior nas cidades pequenas da região, do que em Montes Claros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled Sentiments: honor and poetry in a bedouin society*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- BRIGGS, Jean. Kapluna Daughter In: GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- CODERE, Helen. Fieldwork in Rwanda, 1959-1960 In: GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FREEDMAN, Diane. Wife, Widow, Woman: Roles of an anthropologist in a Transylvanian village. In: GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The*

*Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986.

GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986a (1970).

\_\_\_\_\_. *Odissey of Encounter*. In: GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986b.

LANDES, Ruth. *The City of Women*. New York: MacMillan, 1947.

\_\_\_\_\_. *A Woman Anthropologist in Brazil*. In: GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986.

NADER, Laura. *From Anguish to Exultation*. In: GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986.

RABINOW, Paul. *Reflections on Fieldwork in Morocco*. Berkeley: University of California Press, 1984 (1977).

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

WEIDMAN, Hazel H. "On Ambivalence and the Field". In: GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in The Field: anthropological experiences*. Berkeley: University of California Press, 1986.

## PROSTITUIÇÃO E DIFERENÇAS SOCIAIS<sup>1</sup>

Elisiane Pasini

Meu interesse pela temática da prostituição feminina começou ainda no curso de graduação, quando fazia parte de um núcleo de pesquisa na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), na cidade de Porto Alegre.<sup>2</sup> Passado um tempo, agora no estado de São Paulo, permaneci pesquisando o tema. Dessa forma, as questões aqui apresentadas foram sendo construídas com base nessas observações e com leituras específicas no decorrer de ambas as pesquisas. Com esse "diálogo" foi possível, além de comparar os universos, alargar a compreensão sobre o campo de estudos da prostituição.

Entretanto, especificamente, neste artigo<sup>3</sup> estarei discorrendo algumas idéias sobre a pesquisa realizada em ruas localizadas na região da Rua Augusta, na cidade de São Paulo (São Paulo). O principal intuito deste artigo está em compreender como as práticas corporais das mulheres estudadas estão expressando tanto sua performance<sup>4</sup> de *garota de programa*<sup>5</sup> como uma divisão entre sua vida na prostituição e sua vida fora dela, enfocando, principalmente, suas relações com os *clientes* e com os não-clientes.<sup>6</sup>

### APRESENTAÇÃO DO UNIVERSO PESQUISADO

Minha pesquisa realizou-se na rua, num espaço preciso onde a prática da prostituição acontece em um tempo específico. Em outros horários, as ruas que pesquisei, como ambientes sociais, são constituídas por outras pessoas e por outras práticas. Assim, é nessa parcela de espaço ressignificado pelo período de tempo e da prática da prostituição em que concentrei a pesquisa, mas, embora ela esteja localizada no lugar onde a prostituição é realizada, a própria dinâmica da pesquisa trouxe dados a respeito do contexto vivido por essas *garotas de programa* fora da prostituição. Mesmo convivendo com elas apenas nos *pontos* de prostituição, "conheci", por meio de suas falas, outros aspectos da sua vida.